



Inundações devastaram espaços culturais de Porto Alegre



Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

A histórica enchente de 2024 deixou uma marca dolorosa no cenário cultural de Porto Alegre. A força das águas invadiu espaços como a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), o Memorial do Rio Grande do Sul, a Cinemateca Paulo Amorim e o Teatro Renascença, expondo a fragilidade do patrimônio diante da fúria da natureza. Para além de equipamentos mantidos pelo poder público, as inundações de maio do ano passado assolaram sedes de coletivos artísticos independentes, como a Terreira da Tribo (do grupo Oi Nóis Aqui Travez) e o Teatro Nilton Filho, e locais comerciais destinados a shows musicais, como o Gravador Pub, citando apenas alguns exemplos.

Carinhosamente apelidada de “coração cultural” da capital gaúcha, a CCMQ ficou com 1,50 metro de água no térreo, alagando dependências da Instituição e algumas lojas situadas no local. Apesar da ação preventiva da equipe da CCMQ, que realocou acervos, móveis e equipamentos para os andares superiores, o mobiliário fixo do térreo foi perdido. Além disso, a lama grudou nas paredes do prédio, o que exigiu severos trabalhos de limpeza, iniciados no final do mês de maio.

Moradora do Centro, a diretora da CCMQ, Germana Konrath acompanhou de perto as oscilações das águas. “Durante a enchente, fizemos visitas regulares à Casa, usando botes, por água”, recorda. Ela ressalta que manteve contato com os proprietários das lojas do térreo (uma livraria, um bar, um restaurante e uma loja de utilitários e obras de arte), que também foram duramente afetados. “Mesmo tendo recolhido tudo que era possível, eles tiveram perdas materiais e, naquele momento, sequer tinham a dimensão dos prejuízos. Foi tudo muito triste”, recorda.

Dentro da CCMQ, a Cinemateca Paulo Amorim foi um dos lo-

cais mais castigados. A água atingiu meio metro nas três salas de exibição (Paulo Amorim, Eduardo Hirtz e Norberto Lubisco), danificando poltronas, carpetes e aparelhos de ar-condicionado. Além da lama, o cheiro de mofo tornou o ambiente quase intransitável. A coordenadora e curadora da Cinemateca, Mônica Kanitz, conta que só conseguiu entrar no local no dia 18 de maio, 15 dias após a invasão das águas. Apesar dos equipamentos de som e projeção (localizados em áreas mais elevadas) não terem sido diretamente atingidos pela inundação, os danos foram elevados. “Colocamos todas as poltronas do cinema fora. O cenário era de pilhas (de móveis) na rua”, lamenta Mônica.

Localizado cerca de 400 metros da CCMQ, o Margs também sentiu o impacto da enchente. O trabalho de remoção das obras exigiu um mutirão de voluntários, com peças pesadas sendo retiradas até mesmo por escada. “Após as medidas preventivas envolvendo a movimentação de obras e patrimônio, iniciaram-se imediatamente as ações de proteção, em um contexto já de total adversidade e acesso dificultado pela necessidade do uso de embarcações

e pela falta de energia elétrica”, conta o diretor-curador da Instituição, Francisco Dalcol. Segundo ele, dali em diante, “foram sete meses de intensos trabalhos internos, em condições extremamente dificultadas.”

Localizado no Centro Municipal de Cultura (CMC) - onde ainda foram atingidos o Atelier Livre Xico Stockinger e a Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães -, o Teatro Renascença teve palco, cortinas, carpete e poltronas devastados pela água. Os esforços de recuperação do local ainda estão em trânsito, incluindo a substituição de pisos, pintura, instalações elétricas, sonorização e outros elementos. No dia 6 de maio, quando a água invadiu o CMC, todos os servidores, além de pessoas desalojadas pela enchente e voluntários que atuavam no local, precisaram evacuar o prédio rapidamente, sem tempo para salvar nada.

No Memorial do Rio Grande do Sul, onde o nível da água ultrapassou 1,70 metro, os principais prejuízos foram a perda da subestação de energia elétrica e de parte do acervo do Espaço Cultural Correios, que ficava localizado no térreo. O edifício também sofreu danos estruturais, em especial nos elevadores.

Conforme a diretora da Instituição, Sylvia Bojunga, em maio do ano passado, o Memorial estava com várias atividades e eventos programados, que tiveram sua realização adiada ou comprometida. Segundo Sylvia, foram muitos os desafios desde maio de 2024, com mudanças da rotinas pessoais e profissionais da equipe e necessidade de se adaptar a um novo contexto de incertezas e limitações. Os servidores e servidoras do Memorial estão trabalhando atualmente em espaço cedido pelo RS Criativo, na CCMQ, para que as obras de recuperação do prédio, iniciadas recentemente, possam avançar.

A enchente de 2024 ainda causou danos à coletivos e empreendedores artísticos da cidade. “Quando me dei conta da possibilidade de inundação, corremos (eu e minha esposa e sócia, Cristina Salomão) até o pub para tentar salvar o que pudesse de equipamentos”, lembra o proprietário do Gravador Pub, Gabriel Vieira Lopes-Salomão. “Quando chegamos, estava tudo seco. Começamos a guardar tudo e retirar os equipamentos. Mas em questão de uma hora e meia a água já estava dentro da casa”. No dia seguinte, ele e a esposa pegaram seus caiaques e partiram em direção ao Gravador Pub. “Fomos remando até lá. Estava tudo flutuando dentro do bar: tinha muito lixo, muita coisa perdida.”

“Quando percebemos que poderia alagar, chegamos a ir na Terreira da Tribo para subir nossos materiais, que ficaram em uma altura acima de uma mesa, mas não imaginávamos que a água pudesse subir mais que isso, e foi o que aconteceu”, lembra a produtora, encenadora e atriz Tânia Farias. O coletivo perdeu o material de sete espetáculos de repertório (incluindo instrumentos, figurinos, adereços e máscaras), além de acervos, matérias-primas para figurinos. O prejuízo, segundo Tânia, está estimado em cerca de R\$ 1 milhão.

Proprietário do Teatro Nilton Filho, o diretor, ator, cenógrafo e iluminador Nilton Filho conta que, no dia em que a água invadiu o pátio do local, ele e o sócio, Hyro Matos, ergueram muretas para evitar a inundação na casa. “Não adiantou. Quando vimos, a água já estava na altura das canelas. Da noite para o dia, já batia no meio do peito. Tivemos que sair do teatro resgatados por um bote.” Além de mais de 500 livros da biblioteca do espaço cultural, também o piano e os móveis do Teatro Nilton Filho foram perdidos. Para piorar, os proprietários residem ao lado da casa do teatro, e tiveram a residência também inundada. “Perdemos armários, cama, sofá, coleções de discos. Muita coisa se foi”, destaca o artista.